

PPGPP
30 ANOS

JOINPP
20 ANOS

XI Jornada Internacional Políticas Públicas

19 a 22
SET/2023

CIDADE UNIVERSITÁRIA
DOM DELGADO
SÃO LUÍS/MA - BRASIL

REIFICAÇÃO CAPITALISTA E EMANCIPAÇÃO
HUMANA COMO NECESSIDADE HISTÓRICA
Formação da Consciência de
Classe na Luta de Hegemonias

CEM ANOS DE HISTÓRIA E CONSCIÊNCIA
DE CLASSE DE LUKÁCS



O ESTADO E A MUNDIALIZAÇÃO DO CAPITAL: apontamentos sobre a financeirização da economia capitalista

Frednan Bezerra dos Santos¹

Thayanny Lopes do Vale Barros²

RESUMO

O artigo discute de forma preliminar o processo de mundialização do capital, a partir do entendimento da relação dialética entre Estado e capital, com inspiração marxiana, chamamos atenção para o necessário retorno às leituras de O capital de Karl Marx e destacamos o pioneirismo do Capital Financeiro de Hilferding. Abordamos a mundialização do capital como uma fase específica do capitalismo em sua busca incessante por acumulação. Por fim, destacamos a importância do conceito de capital fictício e o processo de financeirização da economia, que deve ser entendido a partir de seus determinantes políticos e econômicos.

Palavras-chave: Estado capitalista; mundialização do capital; capital fictício; financeirização.

ABSTRACT

The article discusses in a preliminary way the process of globalization of capital, from the understanding of the dialectic relationship between State and capital, with Marxian inspiration, attention given to the necessary return to the readings of Capital by Karl Marx and we highlight the pioneering spirit of Financial Capital by Hilferding. We approach the globalization of capital as a specific phase of capitalism in its incessant quest for inheritance. Finally, we highlight the importance of the concept of fictitious capital and the process of financialization of the economy, which must be understood from its political and medical determinants.

Keywords: Capitalist state; globalization of capital; fictitious capital; financialization.

¹ Economista, Mestre em Desenvolvimento Socioeconômico (PPGDSE/UFMA) e doutorando do Programa de Pós-graduação em Políticas Públicas (PPGPP/UFMA). frednan.santos@gmail.com

² Assistente Social, mestranda do Programa de Pós-graduação em Políticas Públicas da Universidade Federal do Maranhão (PPGPP/UFMA). thayannydovale@hotmail.com

PROMOÇÃO



APOIO



PPGPP
30 ANOSJOINPP
20 ANOS

XI Jornada Internacional Políticas Públicas

19 a 22
SET/2023CIDADE UNIVERSITÁRIA
DOM DELGADO
SÃO LUÍS/MA - BRASIL

REIFICAÇÃO CAPITALISTA E EMANCIPAÇÃO
HUMANA COMO NECESSIDADE HISTÓRICA
Formação da Consciência de
Classe na Luta de Hegemonias

CEM ANOS DE HISTÓRIA E CONSCIÊNCIA
DE CLASSE DE LUKÁCS

1 INTRODUÇÃO

A relação entre Estado e capital é um dos mais importantes temas de debate nas Ciências Econômicas, mas essa primazia não se reduz a esse campo do conhecimento, uma vez que permeia toda a análise social, em especial para aqueles que seguem a tradição da economia política que, em sua vertente crítica, entende que a dinâmica do capitalismo somente pode ser compreendida quando considerada em suas múltiplas determinações.

Assim, a proposta aqui desenvolvida versa sobre o processo de mundialização do capital, o que exige o debate, mesmo que de forma sumária, sobre a dialética entre Estado e capital, através de leituras alicerçadas em “O capital” de Karl Marx (1984), com destaque para “O capital financeiro” de Hilferding (1985). Em seguida, direcionamos o debate para o processo de mundialização do capital, entendido como uma fase específica do capitalismo e abordada a partir de Chesnais (1996, 2002), mas que enseja críticas como as erguidas por Cipolla & Pinto (2010).

O caráter de classe do Estado capitalista, interpretação que segue a tradição marxista. No entanto, é necessário destacar a multiplicidade de posições no debate que caracteriza a teoria crítica inaugurada por Karl Marx. Assim, a concepção de Estado aqui adotada nos permite entender suas funções e seus determinantes, de modo a indicar que a correlação de forças e o processo de luta da classe trabalhadora definem o Estado.

Em seguida, discutimos de forma abreviada a mundialização do capital e o processo de financeirização, sendo que entendemos o processo de mundialização do capital como reflexo do regime de regulação comandado pela acumulação financeira. Destacamos críticas às teses da financeirização e a categoria capital fictício que, além de fundamental para o entendimento das crises capitalistas, está na essência da lógica financeira da economia, devendo ser analisada à luz dos seus determinantes políticos e econômicos.

PROMOÇÃO



APOIO



PPGPP
30 ANOSJOINPP
20 ANOS

XI Jornada Internacional Políticas Públicas

19 a 22
SET/2023CIDADE UNIVERSITÁRIA
DOM DELGADO
SÃO LUÍS/MA - BRASILREIFICAÇÃO CAPITALISTA E EMANCIPAÇÃO
HUMANA COMO NECESSIDADE HISTÓRICAFormação da Consciência de
Classe na Luta de HegemoniasCEM ANOS DE HISTÓRIA E CONSCIÊNCIA
DE CLASSE DE LUKÁCS

2 O ESTADO CAPITALISTA: visões da sua natureza e forma

O Estado capitalista é determinado para Marx e Engels (2007) por condições históricas específicas que, para Mészáros (2011), estão ligadas visceralmente à produtividade do capital. Portanto, “A formação do Estado moderno é uma exigência absoluta para assegurar e proteger permanentemente a produtividade do sistema” (MÉSZÁROS, 2011, p. 106) sendo, o momento histórico em que ocorre a dominância do capital, paralelo ao “desenvolvimento das práticas políticas totalizadoras que dão forma ao Estado moderno” (MÉSZÁROS, 2011, p. 106). Assim, cabe destacarmos que esse Estado se constitui paralelamente ao processo de expansão do capital.

Farias (2001), também toma como ponto de partida o referencial teórico marxiano e rejeita o que chama de “ideologia formalista”, que compreende o Estado a partir das suas funções instrumentais, o Estado de Direito, conceito que, para ele, esconde a relação orgânica entre Estado e capital. Conforme o autor, os defensores dessa perspectiva “afirmam que tudo é regulado por intermédio do direito, e que o próprio direito funda o Estado” (FARIAS, 2001, p. 24), argumento que se revela contraditório ao se aceitar que o Estado tem o monopólio da produção do direito.

Quanto à relação entre Estado e capital, Farias (2001) assume uma posição contrária aos regulacionistas e aponta equívocos quanto ao entendimento do método marxiano por esses autores e afirma que, do ponto de vista ontológico, atribui-se uma primazia do capital em relação ao Estado, “Mas não se estabelece nenhuma hierarquia ou permuta de papel entre estas, nem entre as outras formas do ser social” (FARIAS, 2001, p. 26).

Ainda de acordo com esse autor, a única forma de entender a natureza e o papel do Estado é a partir das “relações efetivas entre todos seus aspectos, suas potências e suas tendências” (FARIAS, 2001, p. 27), portanto, para ele, o Estado é um silogismo composto pela forma-Estado (sua generalidade), a forma de Estado (particularidade) e a forma do Estado (singularidade).

PROMOÇÃO



APOIO



PPGPP
30 ANOS

JOINPP
20 ANOS

XI Jornada Internacional Políticas Públicas

19 a 22
SET/2023

CIDADE UNIVERSITÁRIA
DOM DELGADO
SÃO LUÍS/MA - BRASIL

REIFICAÇÃO CAPITALISTA E EMANCIPAÇÃO
HUMANA COMO NECESSIDADE HISTÓRICA
Formação da Consciência de
Classe na Luta de Hegemonias

CEM ANOS DE HISTÓRIA E CONSCIÊNCIA
DE CLASSE DE LUKÁCS

Deste modo, Farias (2001), recusa o “funcionalismo que reduz o ser social estatal à sua ação sobre a base econômica e técnica” (FARIAS, 2001, p. 27), ou seja, compreende-o para além da produtividade do capital e destaca a primazia ontológica da natureza do Estado sobre o seu papel - a forma-Estado -, cujas categorias trazem a marca histórica sobre sua função.

Do ponto de vista ontológico, atribui-se uma primazia do capital em relação ao Estado, mas não se estabelece nenhuma hierarquia ou permuta de papel entre estas, nem entre as outras formas do ser social. Em geral, quando se atribui uma primazia ontológica à base, ao ser e à produção em relação e respectivamente à superestrutura, à consciência e à circulação, supõe-se simplesmente que o primeiro elemento pode existir, mesmo quando o segundo é abstraído; enquanto o inverso é impossível, por razões ontológicas (FARIAS, 2001, p. 26).

Para Farias (2001), o Estado capitalista é uma totalidade concreta, complexa e contraditória. Ele destaca que análises importantes (sobre o Estado capitalista) como as de Lênin (2017), abstraíram aspectos importantes dessa totalidade. Assim, a natureza do Estado é dialética e não pode ser reduzida à luta de classes.

Portanto, deve ser apreendida a partir da categoria trabalho, pois o Estado é uma forma social determinada espacialmente e historicamente: “o fenômeno estatal obedece a leis que trazem a marca da história, em articulação orgânica com as formas assumidas pelo ser social na produção, na reprodução e na crise do capitalismo” (FARIAS, 2001, p. 29-30).

Sem a pretensão de esgotarmos o debate, destacamos que as contribuições aqui elencadas nos permitem importantes reflexões sobre o Estado capitalista e sua relação dialética com o capital que, necessariamente, só pode ser entendido em perspectiva histórica, como resultado de múltiplas determinações que se encerram em sua essência na luta de classes, sendo esse Estado mediador das relações sociais e, ao mesmo tempo, moldado por elas.

O Estado capitalista deve ser compreendido como um todo orgânico, forjado na dialética entre Estado e capital, nos permitindo visualizar suas múltiplas determinações sem perder de vista o motor da história, indicado por Karl Marx como sendo a luta de classes. Assim, para entendermos os movimentos do

PROMOÇÃO



APOIO



PPGPP
30 ANOS

JOINPP
20 ANOS

XI Jornada Internacional Políticas Públicas

19 a 22
SET/2023

CIDADE UNIVERSITÁRIA
DOM DELGADO
SÃO LUIS/MA - BRASIL

REIFICAÇÃO CAPITALISTA E EMANCIPAÇÃO
HUMANA COMO NECESSIDADE HISTÓRICA

Formação da Consciência de
Classe na Luta de Hegemonias

CEM ANOS DE HISTÓRIA E CONSCIÊNCIA
DE CLASSE DE LUKÁCS



desenvolvimento do capital no final do século XX e início do século XXI, se faz necessário localizar o papel do Estado no chamado processo de mundialização do capital e suas repercussões sobre a dinâmica capitalista.

3 A MUNDIALIZAÇÃO DO CAPITAL: do capital fictício ao processo de financeirização

3.1 O processo de mundialização do capital na perspectiva do referencial teórico marxiano.

O processo que ficou conhecido como mundialização do capital é interpretado aqui a partir do referencial teórico marxiano, com destaque para autores que tomam “O Capital” como ponto de partida, em especial, considerando as pistas deixadas por Karl Marx sobre o “processo global de produção capitalista”ⁱ. Desse modo, vamos recuperar inicialmente as contribuições de Rudolf Hilferding em sua obra “O Capital Financeiro”, de 1910ⁱⁱ.

Obra que segundo Bottomore (1985), logo após ter sido publicada foi considerada uma relevante contribuição original, que buscava enfrentar o desafio de “continuar” a obra de Karl Marx, mas guardada as devidas especificidades e proporções, servindo de referência para autores como Lênin e Bukharin.

Coutinho (2013), destaca a importância de Hilferding para além de O Capital Financeiro e argumenta que um dos pontos fundamentais da sua obra foi “conciliar leis gerais da economia com circunstâncias econômicas contingentes” (COUTINHO, 2013, p. 6). Ressalta ainda a diferença de outras análises de “inspiração marxiana”, por tomar como ponto de partida O Capital, com destaque para o Livro I, o que encerra grandes dificuldades.

Ainda de acordo com Coutinho (2013):

[...] no Capital Financeiro Hilferding oscila de um polo a outro, dos conceitos gerais à dominância das particularidades. Tenho a impressão de que os leitores que se sentirem atraídos pelo primeiro polo, o dos conceitos gerais,

PROMOÇÃO



APOIO



PPGPP
30 ANOSJOINPP
20 ANOS

XI Jornada Internacional Políticas Públicas

19 a 22
SET/2023CIDADE UNIVERSITÁRIA
DOM DELGADO
SÃO LUÍS/MA - BRASIL

REIFICAÇÃO CAPITALISTA E EMANCIPAÇÃO
HUMANA COMO NECESSIDADE HISTÓRICA
Formação da Consciência de
Classe na Luta de Hegemonias

CEM ANOS DE HISTÓRIA E CONSCIÊNCIA
DE CLASSE DE LUKÁCS



terão levado muito a sério a possibilidade (e até mesmo a necessidade) de que, após O Capital, outra obra pudesse vir a atualizar as “leis gerais do capitalismo” de modo a abarcar o capitalismo concentrado da virada do século XIX para o XX. Já quem ler O Capital Financeiro com um olho na história e nos debates econômicos correntes, e outro na trajetória dos grandes partidos operários do início do século XX, entenderá a obra em seu tempo. Nesse caso, não há como deixar de ficar favoravelmente surpreendido com o grau de audácia, inovação e frescor da contribuição de Hilferding ao debate econômico do início do século XX (COUTINHO, 2013, p. 21-22).

Dentre as várias interpretações sobre as contribuições de Hilferding, destacamos as de Sabadini (2015), que realiza relevante resgate da influência desse autor nos séculos XX e XXI, e assevera sua importância para a leitura do capitalismo contemporâneo.

Hilferding estava totalmente correto ao verificar a face financeira do capitalismo de sua época. Mas, a ambiguidade de seu conceito de capital financeiro gerou interpretações diferenciadas sobre o mesmo, o que nos sugeriu afirmar que todas as visões aqui apresentadas são corretas, não significando dizer suficientes para entender a dinâmica do capitalismo contemporâneo (SABADINI, 2015, p. 90).

Assim, é fundamental ter como ponto de partida “O Capital Financeiro”, pelo qual podemos seguir vários caminhos que, concordando com Sabadini (2015), permitem avançarmos na compreensão do capitalismo contemporâneo. Mas cabe destacar que o debate sobre a dominância financeira, inaugurada por Hilferding e expressa na sua análise do capital bancário, serve de fio condutor para diversas pesquisas, mas não é a linha principal presente na literatura marxiana.

Outra importante contribuição que não podemos deixar de resenhar, tanto por sua relevância no debate quanto por sua profundidade, é de François Chesnais, que estudou o processo de financeirização do capitalismo à luz da obra de Karl Marx e chegou ao conceito de mundialização do capital que, para ele, deve ser pensado como uma fase específica do processo de internacionalização do capital.

Segundo Chesnais (1996), a mundialização está atrelada à busca de valorização do capital em escala mundial e apresenta uma estreita ligação entre as atividades produtivas, que criam valores, e as atividades estritamente financeiras,

PROMOÇÃO



APOIO



PPGPP
30 ANOS

JOINPP
20 ANOS

XI Jornada Internacional Políticas Públicas

19 a 22
SET/2023

CIDADE UNIVERSITÁRIA
DOM DELGADO
SÃO LUÍS/MA - BRASIL

REIFICAÇÃO CAPITALISTA E EMANCIPAÇÃO
HUMANA COMO NECESSIDADE HISTÓRICA
Formação da Consciência de
Classe na Luta de Hegemonias

CEM ANOS DE HISTÓRIA E CONSCIÊNCIA
DE CLASSE DE LUKÁCS



que passam de subordinadas a “dominantes” no processo de valorização do capital. Portanto, há uma autonomização da esfera financeira, mesmo que de forma relativa, ao passar a ser determinante do processo de valorização.

A ascensão de um capital muito concentrado, que conserva a forma monetária, a qual favoreceu, com grandes lucros, a emergência da “globalização financeira”, acentuou os aspectos financeiros dos grupos industriais e imprimiu uma lógica financeira ao capital investido no setor manufatureiro e serviços (CHESNAIS, 1996, p. 33).

Para o autor, a partir do momento em que os bancos e outras instituições financeiras não se satisfazem mais com suas funções de intermediação financeira e de criação de crédito a serviço do investimento, a esfera financeira passa a desempenhar novas funções e a ocupar um campo de valorização específico, modificando a divisão da mais-valia entre os diversos setores da economia capitalista. É nesse momento que a mais-valia se materializa em forma de lucros financeiros.

A mundialização é, portanto, o resultado de dois movimentos distintos, porém interligados, que Chesnais (1996), caracteriza como fundamentais, quais sejam: a mais longa fase de acumulação ininterrupta de capital no capitalismo desde 1914 e os movimentos de liberalização, privatização e desregulamentação engendrados a partir da lógica neoliberal, expandida a nível global sob o comando dos governos Thatcher e Reaganⁱⁱⁱ.

O processo de mundialização do capital se manifesta na predominância do regime de regulação dado pela lógica da acumulação financeira, expressa pela crescente importância do capital financeiro em detrimento do produtivo. Nesse contexto, diversos Estados nacionais são “forçados” a se subordinarem à lógica do capital financeiro mundializado, perdendo a capacidade de intervenção na economia por meio de políticas econômicas anticíclicas tradicionais (keynesianas) e políticas industriais e desregulamentando o mercado financeiro, ou seja, permitindo a livre movimentação de capitais financeiros.

PROMOÇÃO



APOIO



3.2 Da categoria capital fictício ao processo de financeirização.

Para avançarmos na análise da literatura marxiana, chegamos à categoria capital fictício, essa extremamente relevante para a análise do capitalismo contemporâneo. Sendo que o capital fictício, mesmo que não seja definido por Marx, é um conceito que se origina na teoria de “O Capital”. Contudo, nele não está explícito: “o que existe são pistas das diversas possibilidades da evolução ou das formas que podem ser assumidas pelo capital portador de juros” (MARQUES; NAKATANI, 2009, p. 31).

Para Germer (1994), o conceito de capital fictício está relacionado a um dos aspectos mais marcantes da economia capitalista, “que é a multiplicação ilusória da riqueza realmente existente, com base no capital portador de juros, por intermédio dos mecanismos monetários e financeiros” (GERMER, 1994, p. 193). De fato, Marx (1984), indica três possíveis formas de capital fictício: o capital bancário, a dívida pública e o capital acionário, sendo todos correspondentes ao estágio de desenvolvimento do capital, observado por ele no curso de suas pesquisas. No entanto, com o desenvolvimento do capitalismo surgiram novas formas desse capital, como os derivativos (MARQUES; NAKATANI, 2009).

Chesnais (2002), destaca, em linhas gerais, a relevância do capital fictício no atual contexto do capitalismo ao analisar o que chama de “riqueza abstrata”:

Depois de trinta anos, a “riqueza abstrata” tomou cada vez mais a forma de massas de capital dinheiro à busca de valorização, colocadas nas mãos de instituições (grandes bancos, sociedades de seguros, fundos de pensão e Hedge Funds), cuja “profissão” é valorizar seus haveres de maneira puramente financeira, sem sair da esfera dos mercados de títulos e de ativos fictícios “derivados” de títulos, sem passar pela produção. Enquanto as ações e os títulos da dívida (pública, de empresas ou de famílias) são somente “haveres”, direitos a se apropriar de uma parte do valor e da mais valia, concentrações imensas de capital dinheiro assumem o “ciclo breve Dinheiro – Dinheiro”, que representa a expressão máxima do que Marx chama de fetichismo do dinheiro. Expresso por formas cada vez mais abstratas, fictícias, “ideais” (termo utilizado pela finança) do dinheiro, a indiferença com relação às consequências da valorização sem fim e sem limites do capital impregna a economia e a política, mesmo em “tempos de paz” (CHESNAIS, 2002, p. 05).

PPGPP
30 ANOS

JOINPP
20 ANOS

XI Jornada Internacional Políticas Públicas

19 a 22
SET/2023

CIDADE UNIVERSITÁRIA
DOM DELGADO
SÃO LUÍS/MA - BRASIL

REIFICAÇÃO CAPITALISTA E EMANCIPAÇÃO
HUMANA COMO NECESSIDADE HISTÓRICA
Formação da Consciência de
Classe na Luta de Hegemonias

CEM ANOS DE HISTÓRIA E CONSCIÊNCIA
DE CLASSE DE LUKÁCS



Uma das características básicas da fase atual do capitalismo, denominada por Chesnais (1996), de “financeirização”, nos remete à seguinte pergunta: O desenvolvimento do capitalismo e suas formas de financiamento geram, de fato, o domínio do capital financeiro sobre o capital produtivo? Para responder a essa pergunta, destacamos que:

A esfera financeira representa o posto avançado do movimento de mundialização do capital, onde as operações atingem o mais alto grau de mobilidade, onde é mais gritante a defasagem entre as prioridades dos operadores e as necessidades mundiais. O investimento externo direto do setor financeiro representou a principal cidadela do IED durante a década de 80 (CHESNAIS, 1996. p. 239).

Apesar disso, o movimento da globalização financeira, que está atrelado à capacidade intrínseca do capital monetário de delinear um movimento de valorização “autônomo”, cria um cenário sem precedentes na história do capitalismo, onde as instituições financeiras e o “mercado financeiro” desfrutam de autonomia e força junto aos Estados nacionais, subjugando-os e transformando-os em meros instrumentos a serviço da valorização financeira do capital.

Em contrapartida, os grandes grupos do setor de manufaturas ou serviços passam a vivenciar, de forma cotidiana, uma estreita imbricação entre as dimensões produtivas e financeiras da mundialização. Essa imbricação tem se manifestado de diversas formas desde o começo da década de 1980, merecendo destaque as “novas e variadas” formas de operacionalização das aquisições e fusões a nível internacional, colocadas à disposição do grande capital pelas instituições financeiras e casas especializadas, num processo que Chesnais (1996), chamou de “desintermediação” financeira:

A “desintermediação” financeira permitiu que os grandes grupos colocassem títulos diretamente nos mercados financeiros internacionais. Por fim, desde o início dos anos 90, a imbricação esteve marcada pelo notável aumento da importância das operações puramente financeiras dos grupos industriais (CHESNAIS, 1996. p. 239).

PROMOÇÃO



APOIO



PPGPP
30 ANOSJOINPP
20 ANOS

XI Jornada Internacional Políticas Públicas

19 a 22
SET/2023CIDADE UNIVERSITÁRIA
DOM DELGADO
SÃO LUÍS/MA - BRASIL

REIFICAÇÃO CAPITALISTA E EMANCIPAÇÃO
HUMANA COMO NECESSIDADE HISTÓRICA
Formação da Consciência de
Classe na Luta de Hegemonias

CEM ANOS DE HISTÓRIA E CONSCIÊNCIA
DE CLASSE DE LUKÁCS



Quanto ao domínio do capital financeiro sobre o capital produtivo, Chesnais (1996), busca, no esgotamento do regime fordista-keynesiano, elementos para problematização do regime de dominância financeira. Assim sendo, o ponto de partida para sua argumentação é o regime de acumulação fordista que, para ele, apresentava três características básicas: a organização científica do trabalho; a relação salarial – que condicionava a evolução dos salários reais aos ganhos de produtividade; e um sistema de crédito bem organizado.

Para compreender o desenvolvimento do regime de acumulação fordista, devemos investigar as suas características básicas mais de perto: a organização científica do trabalho tem como objetivo otimizar e racionalizar o tempo de produção, reduzindo os custos; a relação salarial, condicionada pela produtividade, era acompanhada de um forte sistema de proteção social para os trabalhadores (somente possível num contexto de organização da classe trabalhadora); um sistema de crédito ordenado nacionalmente era fundamental para financiar o capital produtivo a juros baixos.

O regime de acumulação fordista compunha um sistema financeiro administrado pelo Estado, que se propunha a manter elevada a demanda agregada. O modo de regulação fordista representou para o capitalismo uma época de expansão econômica, que começa a apresentar sinais de declínio no final dos anos de 1960, quando os estímulos à produção, nascidos sobre os escombros da guerra, se exaurem.

Nesse contexto, a concorrência intercapitalista passa a demandar gastos crescentes com ciência e tecnologia que se tornava cada vez mais onerosas. O “nível salarial” dos trabalhadores gradativamente tornava-se incompatível com as novas condições impostas à valorização do capital. Logo, o Estado perde capacidade de arrecadação e de investimentos públicos, se afastando do financiamento direto da indústria capitalista (CHESNAIS, 1996).

Em virtude da “crise fiscal”, os Estados perderam paulatinamente a condição de dínamo do desenvolvimento das economias locais e a capacidade de formular

PROMOÇÃO



APOIO

PPGPP
30 ANOSJOINPP
20 ANOS

XI Jornada Internacional Políticas Públicas

19 a 22
SET/2023CIDADE UNIVERSITÁRIA
DOM DELGADO
SÃO LUÍS/MA - BRASIL

REIFICAÇÃO CAPITALISTA E EMANCIPAÇÃO
HUMANA COMO NECESSIDADE HISTÓRICA
Formação da Consciência de
Classe na Luta de Hegemonias

CEM ANOS DE HISTÓRIA E CONSCIÊNCIA
DE CLASSE DE LUKÁCS

suas próprias políticas monetárias, sendo submetidos à tutela de organismos supranacionais. O controle externo impôs a remoção de barreiras protecionistas e a livre circulação do capital financeiro e de mercadorias.

Com isso criou-se um imenso espaço para a realização do capital. “A abertura, externa e interna, dos sistemas nacionais, anteriormente fechados e compartimentados, proporcionou a emergência de um espaço financeiro mundial” (CHESNAIS, 1996, p. 12). Desde então, o mercado financeiro passou a ser o espaço privilegiado de atuação do capital em busca de valorização.

O mercado financeiro, como “instituição privilegiada” para regular a acumulação de capital, passou a impor seus critérios de liquidez às empresas produtivas, obrigando-as a submeterem-se às suas metas de rentabilidade, evidenciando o que Chesnais (2002), nomeou de “dominância financeira”.

Os fundamentos desse novo regime financeiro de dominação do capital são explicados por Chesnais (1996), que recorre ao método marxiano, referindo-se à existência de dois circuitos de reprodução do capital: um “longo” e um “encurtado”. O primeiro é realizado pelo processo de produção de mercadorias, em que o dinheiro inicialmente investido se desdobra na forma de mais dinheiro. Já no segundo, a expansão do dinheiro ocorre sem a mediação da produção. O “percurso extenso” desenvolve-se no âmbito da produção e se realiza na esfera da circulação. O “abreviado” é um fenômeno intrínseco ao espaço da circulação, e por isso, de acordo com Marx, ele conduz os sujeitos do capital à ilusão de que é possível valorizar o seu capital sem passar pelo processo de produção podendo, portanto, prescindir do trabalho para a sua realização. Deste modo,

[...] permanece a distinção essencial, que separa o capital produtivo, engajado num movimento de valorização do capital onde é central a maximização da produtividade do trabalho, e o capital-dinheiro, remunerado pelos juros, aos quais se somam atualmente todo tipo de lucros financeiros ligados ao movimento “autônomo” do capital monetário (CHESNAIS, 1996, p. 275).

Esse autonomismo da esfera financeira, parafraseando Chesnais (1996), exprime o caráter rentista do setor financeiro, que passa a “contaminar” os mais

PROMOÇÃO



APOIO



PPGPP
30 ANOSJOINPP
20 ANOS

XI Jornada Internacional Políticas Públicas

19 a 22
SET/2023CIDADE UNIVERSITÁRIA
DOM DELGADO
SÃO LUÍS/MA - BRASIL

REIFICAÇÃO CAPITALISTA E EMANCIPAÇÃO
HUMANA COMO NECESSIDADE HISTÓRICA
Formação da Consciência de
Classe na Luta de Hegemonias

CEM ANOS DE HISTÓRIA E CONSCIÊNCIA
DE CLASSE DE LUKÁCS



diversos setores produtivos – até mesmo os fundos constituídos para a garantia de estabilidade futura dos trabalhadores através da aposentadoria por capitalização (os Fundos de Pensão).

Nessa nova lógica, observa-se o poder cada vez maior dos investidores institucionais, que têm por objetivo gerar ganhos elevados para os acionistas, resultando numa arbitragem permanente entre distribuição de dividendos e reinvestimentos na empresa. Nesse sentido, pode-se falar de “financeirização da empresa” na medida em que sua organização interna é redefinida com o objetivo de atender às restrições impostas pelo mercado financeiro. Portanto, a financeirização da economia trouxe como consequência a intensificação da centralização do capital, por intermédio de um processo global resultante de fusões e aquisições orquestradas pelos investidores financeiros (CHESNAIS, 1996).

A centralização do capital permitiu que grupos industriais aumentassem suas participações no mercado mundial, mesmo em conjunturas de baixo crescimento. Ao promoverem fusões e aquisições, os grupos oligopolistas agregaram atividades antes realizadas em unidades particulares, o que resultou na desativação de parcelas significativas de capitais fixos, eliminando parte do trabalho produtivo. Ao mesmo tempo, incorporavam novas tecnologias ao processo de produção, tornando-se cada vez mais mecanizado e menos dependente das atividades diretamente desempenhadas pelos trabalhadores. Esse processo ficou conhecido como reestruturação produtiva.

Mas, para Cipolla & Pinto (2010), em termos gerais, as teses da financeirização contêm grandes dificuldades, pois, em última análise, relaciona taxa de juros à taxa de lucros. Portanto,

É difícil argumentar a dominância financeira sobre a produção quando a taxa de juros é regulada pela taxa de lucro. Sintomaticamente, a literatura que desenvolve essa temática é absolutamente silenciosa sobre esse plano da teoria. Mas a questão é ainda mais interessante. Se “a taxa de juros tem também uma tendência a cair independentemente das flutuações da taxa de lucro” (Marx, III, p. 361), então, a “dominância financeira” parece se contrapor a uma dificuldade tanto teórica quanto prática. Se a taxa de lucro regula a taxa de juros e é o determinante decisivo do limite máximo da taxa

PROMOÇÃO



APOIO

PPGPP
30 ANOS

JOINPP
20 ANOS

XI Jornada Internacional Políticas Públicas

19 a 22
SET/2023

CIDADE UNIVERSITÁRIA
DOM DELGADO
SÃO LUÍS/MA - BRASIL

REIFICAÇÃO CAPITALISTA E EMANCIPAÇÃO
HUMANA COMO NECESSIDADE HISTÓRICA
Formação da Consciência de
Classe na Luta de Hegemonias

CEM ANOS DE HISTÓRIA E CONSCIÊNCIA
DE CLASSE DE LUKÁCS



de juro então como se pode argumentar que as finanças terminaram por dominar a atividade produtiva? (CIPOLLA; PINTO, 2010, p. 13).

Entendemos que a crítica formulada por Cipolla & Pinto (2010) tem grande consistência teórica. Porém, a análise da realidade concreta realizada por Chesnais (1996; 2002), permitem que este interprete a existência de uma relação de dominância entre capital financeiro e produtivo, onde o primeiro, através da sua “lucratividade”, torna-se o elemento central no processo de acumulação capitalista, o que não enseja ressuscitar as controvérsias em torno da desproporcionalidade relacionadas às teorias das crises.

Assim, não pretendemos nos contrapor às críticas elaboradas por Cipolla & Pinto (2010), nem aprofundar esse debate, mas somente fazer uma breve revisão de literatura sobre essa temática fundamental para a leitura da atual dinâmica capitalista no século XXI e resenhar contribuições que entendemos como fundamentais para aprofundar o debate.

4 CONCLUSÃO

Por fim, cabe destacarmos que o processo de mundialização do capital representa uma fase específica da expansão capitalista em busca de valorização em escala mundial, que demarca a passagem do regime fordista de acumulação para o chamado regime flexível, caracterizado pela reestruturação produtiva e pela dominância financeira, quando o mercado financeiro passou a ser o espaço privilegiado da acumulação capitalista.

O conceito de capital fictício é fundamental para o desenvolvimento de teorias críticas, capazes de capturar a realidade e assim descortinar a verdadeira essência do capitalismo. Assim, uma forma do capital fictício que merece a nossa atenção é o chamado “capital especulativo parasitário”, que consiste num mecanismo encontrado pelo sistema para gerar seu próprio rendimento de forma “autonomizada” da valorização.

PROMOÇÃO



APOIO



PPGPP
30 ANOSJOINPP
20 ANOS

XI Jornada Internacional Políticas Públicas

19 a 22
SET/2023CIDADE UNIVERSITÁRIA
DOM DELGADO
SÃO LUÍS/MA - BRASIL

REIFICAÇÃO CAPITALISTA E EMANCIPAÇÃO
HUMANA COMO NECESSIDADE HISTÓRICA
Formação da Consciência de
Classe na Luta de Hegemonias

CEM ANOS DE HISTÓRIA E CONSCIÊNCIA
DE CLASSE DE LUKÁCS



Por conseguinte, cabe destacarmos que a mundialização do capital deve ser entendida como resultante de determinações políticas e econômicas, sendo que o isolamento de um ou outro impede a compreensão do todo complexo que se manifesta no rentismo e na ofensiva neoliberal.

Contudo, a dominância do capital financeiro não só subverte a lógica produtiva como também engendra um processo de flexibilização do trabalho, acompanhado de substancial precarização, que remete a esfera produtiva a uma ditadura do curto prazo, onde os critérios da competitividade e da produtividade são subordinados à liquidez do capital financeiro e à crescente liberalização dos mercados mundiais, que suprime dos centros nacionais de decisão o comando sobre as determinações dos espaços nacionais.

REFERÊNCIAS

BOTTOMORE, Tom. Introdução à edição inglesa. In.: HILFERDING, Rudolf. **O capital financeiro**. São Paulo: Nova Cultural, 1985.

CHESNAIS, François. **A Mundialização do Capital**. São Paulo: Xamã, 1996.

CHESNAIS, François. Mundialização: o capital financeiro no comando. **Revista Outubro**, n. 5, out. 2002. Disponível em:
http://revistaoutubro.com.br/edicoes/05/out5_02.pdf. Acesso em 27/08/2022.

CIPOLLA, Francisco Paulo; PINTO, Geane Carolina Rodrigues. Crítica das teorias da financeirização. **Revista da Sociedade Brasileira de Economia Política**, São Paulo, n. 27, p. 6 – 28, out. 2010. Disponível em:
<https://revistasep.org.br/index.php/SEP/article/view/904>. Acesso em 27/08/2022.

COUTINHO, Mauricio Chalfin. Do capital financeiro de Hilferding. In.: **Revista da Sociedade Brasileira de Economia Política**. Ano 17, n. 35. p. 5-25. São Paulo: Plêiade, 2013. Acessado em 27/08/2022. Disponível em:
<https://revistasep.org.br/index.php/SEP/article/view/8>. Acesso em 24/08/2022.

FARIAS, Flávio Bezerra de. **O Estado Capitalista Contemporâneo**. 2.ed. São Paulo: Cortez, 2001.

PROMOÇÃO



APOIO



PPGPP
30 ANOS

JOINPP
20 ANOS

XI Jornada Internacional Políticas Públicas

19 a 22
SET/2023

CIDADE UNIVERSITÁRIA
DOM DELGADO
SÃO LUÍS/MA - BRASIL

REIFICAÇÃO CAPITALISTA E EMANCIPAÇÃO
HUMANA COMO NECESSIDADE HISTÓRICA
Formação da Consciência de
Classe na Luta de Hegemonias

CEM ANOS DE HISTÓRIA E CONSCIÊNCIA
DE CLASSE DE LUKÁCS

GERMER, Claus. M. O sistema de crédito e o capital fictício em Marx. **Ensaios FEE**. Porto Alegre, v. 15, n. 1, 1994, p. 179-201.

HILFERDING, Rudolf. **O capital financeiro**. São Paulo: Nova Cultural, 1985.

LÊNIN, Vladímir Ilitch. **O estado e a revolução** [recurso eletrônico]: a doutrina do marxismo sobre o estado e as tarefas do proletariado na revolução. São Paulo: Boitempo, 2017. (Arsenal Lênin)

MARQUES, Rosa Maria; NAKATANI, Paulo. **O que é capital fictício e sua crise**. São Paulo: Brasiliense, 2009.

MARX, Karl. **O Capital**: Crítica da Economia Política. Livro 3 – O processo Global de Produção Capitalista. Volume V. São Paulo: Abril Cultural, 1984.

MARX, Karl; ENGELS, Friedrich. **A ideologia alemã**: crítica da novíssima filosofia alemã em seus representantes Feuerbach, B. Bauer e Stirner, e do socialismo alemão em seus diferentes profetas, 1845-1846. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2007.

MÉSZÁROS, István. **Para além do capital**: rumo a uma teoria da transição. São Paulo: Boitempo, 2011.

SABADINI, Mauricio de Souza. Sobre o conceito de capital financeiro. In.: **Temporalis**, Brasília (DF), ano 15, n. 30, jul./dez. 2015. Disponível em: <https://periodicos.ufes.br/temporalis/article/view/109355>. Acesso em 27/08/2022.

ⁱ Tema abordado no livro III de O capital de Karl Marx (MARX, 1984).

ⁱⁱ O Capital Financeiro foi finalizado em 1909 e publicado em 1910. Porém, a Introdução informa que os traços principais da obra estavam concluídos quatro anos antes de sua publicação. É inegável que o livro exibe uma razoável cultura em economia, de modo geral, e uma sólida cultura em economia marxista, de modo particular. Foi essa base de conhecimentos que permitiu ao autor, antes de completar 30 anos, elaborar aquela que viria a ser considerada uma das mais originais contribuições ao marxismo do século XX. (COUTINHO, 2013, p. 8).

ⁱⁱⁱ A ascensão de Margaret Thatcher (Reino Unido) ao posto de primeira-ministra e de Ronald Reagan (EUA) à presidência é considerada um marco da vitória das políticas neoliberais no centro do sistema capitalista e, portanto, ponto de partida para sua difusão na periferia do sistema.

PROMOÇÃO



APOIO

